

Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de atuação profissional

Lúcia Elena F. Neto*
Klívya Nayá B. da Silva**
Isabella F. de Arruda***

Resumo

A contação de histórias, antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatada pela educação como caminho para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. A Fonoaudiologia, enquanto área preocupada em promover o aprimoramento da comunicação, tem atuado junto aos profissionais que utilizam a voz falada como instrumento de trabalho, entre eles, os educadores. O presente trabalho teve como objetivo avaliar e aprimorar a experiência de trabalho fonoaudiológico oferecido aos educadores-contadores de histórias. A pesquisa constou das etapas: 1. constituição de referencial teórico no tema central contação de histórias, educação e fonoaudiologia; 2. avaliação da efetividade de duas experiências de aplicação de intervenção fonoaudiológica junto a contadores de histórias; 3. reestruturação da proposta de intervenção focando-a para a formação de educadores-contadores; 4. implantação da proposta reformulada; 5. considerações sobre a definição da atuação fonoaudiológica junto aos educadores-contadores. Os resultados obtidos demonstraram a importância das informações sobre saúde vocal e a utilização de recursos vocais na contação. Os aspectos da formação apontados pelos educadores como os de maior contribuição na educação foram: conhecimento dos cuidados com saúde vocal, integração corpo-palavra-olhar e trabalho com modulação. Os educadores descobriram-se enquanto contadores narradores orais, desvinculando-se do apoio do livro e, assim, propiciando aos educandos interação mais direta e significativa. A partir da avaliação realizada, pode-se concluir que a Fonoaudiologia tem contribuições efetivas a dar aos educadores-contadores, devendo incluir em suas ações junto à Educação intervenção direcionada para a prática da contação de histórias.

Palavras-chave: fonoaudiologia escolar; voz profissional; contação de histórias.

Abstract

Story telling, an old popular custom belonging to oral tradition, has been rescued by education as a way to develop oral and written language. Speech-language pathology, as a sector concerned with the improvement of communication, has been acting with professionals who use spoken voice as a work instrument, among these, the educators. The aim of this work is to evaluate and to improve the experience of Speech-language pathology work with story tellers-educators. The study consisted of stages: 1) constitution of the theory of story telling, education and speech-language pathology; 2) evaluation of the effectiveness of two experiences of speech language pathology intervention on story tellers; 3)

* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. Professora no curso de Fonoaudiologia da Faculdade Integrada do Recife. ** Fonoaudióloga graduada no curso de Fonoaudiologia da Faculdade Integrada do Recife. *** Fonoaudióloga graduada no curso de Fonoaudiologia da Faculdade Integrada do Recife.

reorganization of the intervention proposal emphasizing the formation of the educator-story teller; 4) implantation of the reformulated proposal; 5) considerations about the definition of the speech-language pathology performance for the educators-story tellers. The results obtained demonstrated the importance of information on vocal health and on the use of vocal resources for story telling. The aspects of the formation pointed out by educators as the most important contribution were: information about the attention with vocal health, integration body-word-looking and work with modulation. The educators have discovered themselves as oral narrators and story tellers, feeling liberated from the support of the book and, thus, propitiating to the student more direct and more significant interaction. We can conclude that speech-language pathology has effective contributions to the educator-story tellers, and that it is important a direct intervention to the practice of story telling.

Key-words: *scholar speech-language pathology; professional voice; story telling.*

Resumen

La narración de historias, un viejo costumbre popular que pertenece a la tradición oral, ha sido rescatada por la educación como medio de desarrollar la lengua oral y escrita. La fonoaudiología, un área que se preocupa en promover la mejora de la comunicación, ha actuado junto a los profesionales que utilizan la voz hablada como instrumento del trabajo, entre ellos, los educadores. El presente trabajo tuvo como objetivo evaluar y perfeccionar la experiencia de trabajo fonoaudiológico junto a los contadores de historia que actúan en el área educativa. La investigación tuvo las siguientes etapas: 1) constitución del referencial teórico sobre la narración de historias, educación y fonoaudiología; 2) evaluación de la eficacia de las dos experiencias de aplicación de intervención fonoaudiológica junto a los contadores de historia; 3) reestructuración de la propuesta de intervención, diseccionándola para la formación de los educadores-contadores; 4) implantación de la propuesta reformulada; 5) consideraciones sobre la definición de la actuación fonoaudiológica junto a los educadores-contadores. Los resultados logrados demuestran la importancia de la información sobre la salud vocal y la utilización de recursos vocales en la narración. Los aspectos de la formación apuntados pelos educadores como los de mayor contribución en la educación fueran: el conocimiento de los cuidados con la salud vocal, integración cuerpo-palabra-mirar y trabajo con la entonación. Los educadores descubren a ellos mismos como contadores narradores orales, sin el apoyo del libro y, así, proporcionando a los educandos interacción directa y significativa. Desde la valuación observada, puede-se concluir que la fonoaudiología tiene contribuciones efectivas a dar a los educadores-contadores, debiendo incluir en sus acciones, en la educación, la intervención dirigida a la práctica de narración de historias.

Palabras claves: *fonoaudiología escolar; voz profesional; narración de historias.*

Introdução

A contação de histórias, antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatada pela educação como caminho para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – a constituição do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do dizer. Dessa forma, as propostas de formação e capacitação de educadores vêm incluindo em sua prática a preparação para o ato de contar histórias.

A Fonoaudiologia, como área também preocupada em promover o aprimoramento da comu-

nicação, tem atuado junto aos profissionais que utilizam a voz falada como instrumento de trabalho, entre eles, os educadores (Ferreira, 1995).

Segundo Andrada e Silva (1999), entre os profissionais da voz, os professores são os profissionais que mais procuram os fonoaudiólogos. Entretanto, sua atuação vem se concentrando em treinamentos de educação da voz e fala com o intuito de promover saúde vocal e manter a utilização da voz isenta de esforço. Porém, o fonoaudiólogo pode e deve ampliar seu enfoque, incluindo intervenções voltadas para a organização da narrativa oral e a

expressividade do uso da voz e fala, relacionadas à comunicação não-verbal (expressão corporal/gestual).

Para Abílio e Mattos (2003), as narrativas da tradição são criações populares e de cunho anônimo que sobreviveram e se espalharam devido à memória e à habilidade dos narradores, que, de geração em geração, mantinham a tradição viva. Darnton (1986, apud Abílio e Mattos, 2003) salienta que as narrativas são histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, em sua origem, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler e se reuniam, à noite, ao redor de fogueiras ou lareiras, entre os camponeses da França medieval. Para Benjamin (1993), a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.

Escutar histórias é um dos principais meios para o desenvolvimento de linguagem e a formação do leitor. Ouvir narrativas incentiva a ampliação de vocabulário e a estruturação de enunciados. Além disso, o manuseio de livros pelos narradores suscita no ouvinte o interesse pela leitura e escrita.

Para Abramovich (1991), o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente por meio da voz dos familiares contando contos de fadas, histórias bíblicas ou inventadas, ou de livros infantis em geral. Além de colaborar na aquisição de linguagem oral e escrita, ouvir histórias desperta o imaginário e as emoções, participa na estruturação da personalidade pela reelaboração da história pessoal a partir de histórias advindas do universo coletivo, traz entretenimento e, de forma prazerosa, também repassa conhecimentos formais.

A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o dizer deve encantar. Abramovich (1991) ressalta que contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressividade, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são recursos fundamentais ao contador. Ainda é Abramovich (1991) que salienta que a preparação para essa atividade é fundamental.

Dessa forma, a Fonoaudiologia tem como contribuir, promovendo aos contadores condições favoráveis para o uso da palavra intencionalmente potencializada, expressiva e clara e, também, propiciando recursos para organização da narrativa.

Como o fonoaudiólogo parece ainda não ter se voltado para esse campo de atuação de modo mais efetivo, já que não foram encontradas publicações

sobre o assunto, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar e aprimorar a experiência de trabalho fonoaudiológico oferecido aos educadores contadores de histórias e, conseqüentemente, estabelecer com maior precisão a atuação fonoaudiológica nesse tipo de atividade. A pesquisa constou das seguintes etapas: 1. constituição de referencial teórico do tema central contação de histórias, educação e fonoaudiologia; 2. avaliação da efetividade de duas experiências de aplicação de intervenção fonoaudiológica junto a contadores de histórias; 3. reestruturação da proposta de intervenção focando-a para a formação de educadores-contadores; 4. implantação da proposta reformulada; 5. considerações sobre a definição da atuação fonoaudiológica junto aos educadores-contadores.

O papel das histórias orais na infância

Quais os efeitos da escuta de contos em uma audiência infantil? Qual a importância e a função das narrativas tradicionais em um contexto educacional? Qual a participação dos contos na estruturação psíquica da criança?

Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas suscitam, vários tipos de aprendizagem ocorrem. Interessante constatar que essas assimilações possíveis, permeadas de encantamento e ludicidade, tornam o ato de aprender bem mais interativo, instigante e estimulante porque tocam o interior de cada um, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento.

Ouvir um conto e maravilhar-se conduzido pela trama através da voz do contador é uma experiência absolutamente singular e, como tal, desperta imagens internas peculiares a cada indivíduo. Busatto (1999), ao apresentar essa característica versátil do conto, considera-o uma expressão artística democrática, permitindo que cada um construa a sua história.

O aspecto levantado acima gera duas possibilidades: o despertar da imaginação e a identificação com as situações e personagens do relato. Estabelece-se uma interação entre a forma objetiva, a narrativa, e as repercussões subjetivas desencadeadas no ouvinte.

O exercício de “estar dentro do conto” e poder imaginar leva a criança a desenvolver a criatividade e, por conseqüência, a estimular seu intelecto e tornar suas emoções mais claras (Bettelheim, 1980).



Ao alimentar a imaginação, os contos geram o encantamento e acessam o mundo interior. Porque são breves e pouco detalhistas, abre-se um campo fértil para a imaginação se desenvolver (Busatto, 1999).

Esse processo de expansão do ato de imaginar também permite o contato com as estruturas psíquicas da criança.

Para Bettelheim (ibid.), além do divertimento proporcionado à criança, os contos de fadas desenvolvem sua personalidade e esclarecem sobre si mesmo trazendo significados em vários níveis, enriquecendo a existência da criança e permitindo o seu crescimento interno.

Bettelheim (ibid.) diz que o conto é o gênero literário predileto da criança porque consegue dialogar com o ser psicológico em desenvolvimento. Ao falar sobre as pressões internas graves de um modo que inconscientemente a criança compreende, oferece exemplos, tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes.

No conto, o mal é tão presente quanto o bem, e há sempre obstáculos a serem ultrapassados, aparecendo alternativas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos também permeiam a vida psíquica e, dessa forma, o processo de identificação torna-se possível.

Assim, o herói que luta e vence representa a possibilidade interna de não se abater diante das adversidades da vida real e ter forças para superar dificuldades. Por outro lado, os seres representantes do mal significam a natureza instintiva do homem e, ao serem dominados, criam a possibilidade de equilibrar a natureza animal e a humana. Segundo Bettelheim (ibid.), esses seres são projeções imaginárias dos fantasmas que a criança traz consigo: medo de ser abandonada por seus pais, de ser devorada e da rivalidade fraterna. Os contos aplacam essas angústias e tranquilizam as crianças porque essas forças do mal são exterminadas e “tudo acaba bem” no final do conto.

Em suma, Bettelheim (ibid.) vê o conto como um caminho para o desenvolvimento da maturidade e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da projeção de um futuro esperançoso, gerando o abandono das dependências infantis e abrindo espaço para o convívio com a obrigação moral e a convivência social pautada na consideração do outro.

Dessa forma, outra fonte de aprendizagem pode ser apontada como possibilidade nos contos. Nos enredos de suas histórias, aparecem situações ligadas a valores universais como a liberdade, a verdade, a justiça, a amizade, a solidariedade, entre outros, levando a criança a reflexões básicas sobre o convívio entre os humanos. Além disso, ao também expressarem a inveja, a traição, a covardia, a desigualdade, permitem ao espaço educacional a análise crítica de componentes éticos da vida, abrindo caminho para a discussão de preceitos morais.

Abílio e Mattos (2003) alertam para o fato de que o educador deve ter conhecimento de que todo conto reflete a ideologia da época em que foi produzido, recolhido ou escrito, e, a partir dessa perspectiva, deve ser compreendido e discutido com os alunos. Por conseguinte, o desenvolvimento do espírito crítico no aluno também pode ser instigado pelo educador ao propor questionamentos sobre as escolhas adotadas pelos personagens.

Conhecimentos formais também podem ser transmitidos por meio dos contos. Aprender sobre povos e suas culturas, sobre História e Geografia, é possível na medida em que essas narrativas acontecem em tempo e espaço diversificados, tornando-se um instrumental criativo de exploração a ser usado pelo educador. Inclusive, como aponta Busatto (1999), esse caminho didático também permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.

Dentro dessa mesma perspectiva, Busatto (ibid.) e Machado (2004) afirmam que, por meio do conto narrado, é possível trabalhar os conteúdos de linguagem oral e escrita, da sintaxe à semântica. O exercício da oralidade inerente à narrativa oral permite a escuta e a expressão da linguagem oral pela criança, propiciando o desenvolvimento e o aprimoramento da palavra falada.

Assim, o conto, porque prende a atenção e encanta a criança, estimula-a a recontá-lo, permitindo ao educador recursos variados para desenvolver, tanto a expressão oral como a escrita. Nesse contexto, é possível ampliar o vocabulário, estudar gramática e desenvolver competência narrativa oral ou escrita.

A utilização dos contos também vem sendo amplamente adotada por profissionais de enfoque terapêutico voltados para a reabilitação da criança nas diversas áreas, como os psicopedagogos, psicoterapeutas e fonoaudiólogos.



Ainda é Cleo Busatto (1999) que, no tocante ao contar ou recontar por meio de relato oral, considera o conto um exercício de socialização, desenvolvendo aptidões importantes, como se expressar perante um grupo de pessoas com desenvoltura e domínio de espaço.

O educador, nesse encontro em torno do conto, também pode valorizar o ato de ler, ao vivenciá-lo por meio do livro. O gosto e o interesse pela leitura podem ser incentivados nesse momento prazeroso e pleno de significados para a criança. Abramovich (1991) considera o ato de escutar contos o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.

Se é inegável que a palavra dita ou escrita é valorizada por meio dos contos, há de se ressaltar a relevância do ato de ouvir. A narrativa oral requer, como elemento básico, o ouvir, aspecto relegado a segundo plano em nossa sociedade contemporânea. Sobre esse fato, Jorge (2003) aponta para a desvalorização do ato de se comunicar gerada pelos diversos meios de comunicação atuais, que prescindem do contato corpo a corpo.

Nesse sentido, o espaço educacional, ao assumir a narrativa oral como um de seus recursos de aprendizagem, leva à criança a rica experiência de entrar em contato com as várias possibilidades da palavra e da escuta, abrindo caminho para o conhecimento, tanto no âmbito do subjetivo quanto dos aspectos objetivos e de socialização.

E, para finalizar, há de se destacar, entre todas as oportunidades de aprendizagem até agora levantadas, a importância do ato de narrar como um encontro pleno de significado para o desenvolvimento do humano na criança. Na medida em que agrupa pessoas envolvidas para uma qualidade singular de relacionamento, privilegia o contato direto entre elas, dando oportunidade para a troca de experiências e afetos.

É parte fundamental nesse processo a pessoa do narrador e as peculiaridades do ato em si de narrar um conto.

A arte de contar: magia e técnica

O narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador (Busatto, 2003).

Os contadores de tempos remotos surgiam naturalmente nas comunidades, perpetuando as experiências e culturas dos povos por meio de suas histórias.

No mundo atual, esses contadores espontâneos continuam a existir, talvez em menor quantidade em relação ao passado. Mas, por outro lado, há pessoas interessadas na arte de contar e que não a exercem naturalmente, principalmente aquelas envolvidas com a prática educativa.

Assim, o ato de narrar também pode ocorrer como resultado de um processo de aprendizado. A preparação do narrador e de como se vai narrar é possível e importante. Como a narrativa oral é um gênero literário, particularidades próprias devem ser mantidas e devem transparecer, tanto na pessoa do contador como na maneira de narrar. O narrador assume um papel e deve exercê-lo conduzido pela ação peculiar que delinea o ato de contar histórias.

Antes de se especificar os passos da preparação propriamente dita, é necessário tratar da diferença entre contar histórias e fazer teatro.

Busatto (ibid.) aborda a questão referente ao representar de modo claro e direto ao levantar dois aspectos básicos que diferenciam o teatro da contação de histórias. Primeiro, no teatro, buscam-se o gesto, a voz e pensamento exatos de cada personagem, de tal modo que ele se apresente por inteiro; já na narrativa oral, esse personagem é concebido pelo ouvinte a partir de alguns elementos oferecidos pelo narrador, muitas vezes por não mais que poucas palavras. E, em segundo lugar, o teatro apresenta ações e a narrativa as descreve.

Dessa forma, na contação, privilegia-se a presença de poucas referências dos personagens e das ações porque é a imaginação do ouvinte que os constituirão. É bom esclarecer aqui que elementos da linguagem teatral podem ser aproveitados, porém mantendo-se os limites para que não se descaracterize a ação do narrar, do imaginar. Como alerta Machado (2004), é importante não abusar da utilização de recursos visuais na contação, com excesso de estimulação sensorial que resulte no desvio da atenção do fio da narrativa.

Voltando à preparação do ato de narrar, duas autoras, entre os autores pesquisados neste estudo, se detiveram de modo mais detalhado sobre as estratégias para o preparo do contador e do ato de narrar na prática educativa de modo mais direto e apropriado à atuação do fonoaudiólogo.

Para a autora Fanny Abramovich, narrar uma história é uma arte que equilibra o que se ouve e o que se sente, não sendo nem declamação, nem teatro, mas “o uso simples e harmônico da voz” (1991, p. 18).



Para essa autora, os cuidados e preparos do narrador se referem a: 1. saber escolher o que vai contar considerando para quem e com que objetivo; 2. conhecer em profundidade e detalhadamente a história que contará; 3. preparar como começar e finalizar o momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; 4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, para que o campo fique mais favorável ao imaginário da criança; 5. mostrar à criança que o que ouviu está impresso num livro e, assim sendo, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. e por último, saber usar as modalidades e possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos, onomatopéias, dando pausas para propiciar espaço para a imaginação.

A outra autora, Cléo Busatto, propõe inicialmente a descoberta, por parte do contador, das razões pelas quais contar histórias e a definição para quem contá-las e em que contexto. Ressalta, nessa etapa, a importância de o contador estar sensibilizado para o que quer narrar; é necessário que haja identificação entre o narrador e o conto a ser narrado. Com o conto escolhido, o passo seguinte é estudá-lo, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

Para Busatto (2003), narrar significa a capacidade de traduzir oralmente as imagens contidas no texto e, assim, encontrar o melhor caminho para suscitá-la é a proposta básica que sustenta sua técnica. Para o entendimento dessa técnica, aponta três vias: ritmo, intenção e imagens, e, nesta última, considera imagens verbais, sonoras e corporais. Ritmo e intenção estão associados porque o tempo, a musicalidade e a velocidade que surgem da narrativa a serem expressas pelo narrador são determinados pela intenção que subjaz a ela.

As imagens verbais referem-se à detecção das descrições que suscitam no ouvinte o imaginar sobre as características físicas e psicológicas dos personagens e os espaços onde a narrativa acontece. Busatto (ibid.) cita como exemplo a passagem do conto de fadas “Rei Sapó” traduzido por Tatiana Belinky “mas a menor era tão linda que até o sol que já vira tanta coisa se alegrava ao iluminar o seu rosto” – essa descrição leva o ouvinte a imaginar a aparência física da princesa.

As imagens sonoras são os sons onomatopáicos a sugerir visualizações da narrativa, por exemplo, ainda no conto “Rei Sapó” “e a princesa ouviu

uns ploc, ploc, ploc nas escadarias de mármore do castelo, e em seguida uma voz que dizia: Ei, princesa, abra a porta para mim”. Os ploc, ploc, ploc estimulam a imaginação, que tenta identificar quem está produzindo esse ruído.

As imagens corporais são movimentos espontâneos do narrador que se traduzem em imagens e se relacionam com a narrativa, de modo a associar a linguagem corporal ao contexto narrativo.

Para Busatto (ibid.), essas imagens dão colorido à contação, mas adverte para o cuidado de não utilizá-las em excesso. Na visão da autora, são também fortes aliadas do processo de memorização do texto, etapa também necessária à preparação do ato de narrar, tomando-se o devido cuidado de não decorar o texto.

Para o momento de apresentação do conto, Busatto (ibid.) dá orientações sobre o espaço físico e a postura corporal do narrador.

Decisões sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e também do jeito de ser e funcionar naturalmente do contador. Porém, a autora aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para o vínculo entre narrador e platéia através do contato olho no olho. Quanto ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão e aconselha o aconchego e a proximidade. O uso de objetos durante a contação também pode ocorrer, mas de forma que não impeça o jogo imaginativo, ou seja, sem exageros e sem levar o narrador a se transformar num ator, já que defende que o narrar histórias não se confunde com o representar do teatro.

Para Busatto (ibid.), diferentemente de Machado (2004), a narrativa não deve ser interrompida com comentários das crianças. Justifica que as interrupções quebram o ritmo da narração e também interrompem o fio invisível do ato de imaginar. Essa autora considera a contação um recurso privilegiado de estímulo ao ouvir.

Vale ressaltar que tanto a proposta de Abramovich como a de Busatto colocam em evidência a voz e a sua modulação como essencial ao ato de contar. Esse uso deve acontecer em consonância com a intenção e o ritmo da narrativa, acoplados ao gesto, ao corpo em movimento e, eventualmente, auxiliados por acessórios externos. No entanto, as autoras são unânimes ao destacarem a utilização da palavra dita com expressividade e colorido.



De boca em boca, de boca para ouvidos... o poder da palavra

Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Abramovich (1999, p. 9)

Uma comunicação efetiva requer um conjunto de elementos para se concretizar. Para que uma mensagem seja recebida com credibilidade, esse conjunto deve ser composto por um bom texto, voz agradável, articulação clara, gestos e expressões corporais ilustrativos e harmoniosos. A comunicação oral não depende apenas dos elementos verbais, mas inclui também elementos não verbais, como: articulação, voz, modulação, ritmo de fala, gestos e expressão facial. Diferentemente da comunicação verbal, cujo desenvolvimento é estimulado e orientado pela família e escola, os processos não-verbais quase sempre se desenvolvem de maneira intuitiva e a maioria das pessoas possui pouca percepção deles (Kirillos, 2003).

Considerando o ato de narrar, essas concepções remetem à utilização equilibrada da voz, fala, pausas e corpo, acopladas à estrutura narrativa peculiar ao conto, gerando imagens singulares para cada ouvinte.

Dois enfoques podem ser propostos pelo fonoaudiólogo à formação do contador de histórias: o aprimoramento da expressividade da voz e fala e das estratégias para narração oral. Cinco aspectos básicos compõem o aperfeiçoamento da expressividade da voz e fala: 1. corpo e importância do olhar (postura corporal, união gesto-fisionomia-palavra e o olhar *versus* platéia); 2. articulação (dicção precisa); 3. coordenação respiração-fala (resistência e controle de pausas); 4. projeção da voz no ambiente; 5. modulação (entonação expressiva acoplando inflexão e significados da narrativa). Além desses aspectos, são dadas noções de saúde vocal com a apresentação de cuidados no uso da voz. Esses aspectos são apresentados, não de modo estanque e isolados, mas sim interligados, já que a comunicação acontece de maneira interdependente entre esses componentes.

O princípio básico que permeia toda a formação é o de levar o contador à descoberta de suas possibilidades e limites diante de seu potencial de comunicação. A consciência é o tempo todo de-

envolvida com o propósito de o indivíduo perceber os aspectos de sua comunicação verbal e não-verbal e, principalmente, esta última, já que seus elementos se encontram mais na esfera do intuitivo do que do plano consciente. A atitude constante de despertar para si conduz à apropriação de algo tão inerente ao homem – sua expressão oral e corporal –, mas, ao mesmo tempo, tão desconhecida para si. As mudanças só ocorrem quando se entra em contato com o que se quer mudar.

O item corpo e a importância do olhar se referem à atenção para a linguagem corporal. Uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permite flexibilidade e expressividade do corpo, possibilitando uma linguagem corporal harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível também favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

No ato de contar, o gesto, assim como qualquer outro movimento corporal, deve estar entrelaçado ao dito e cumpre o papel de complementação e não de protagonista da comunicação, lugar delegado à palavra dita. Deve-se cuidar para não cair na obviedade e nem no uso exagerado e repetitivo; a sutileza deve ser sempre cultivada, para que se preserve a função final do ouvinte – de imaginar.

O contato visual pelo olhar reaviva a fisionomia e proporciona sintonia entre contador e ouvinte. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, tornando-o parte do ato de narrar. O olhar projetado para a audiência, além de acontecer enquanto se fala mantendo a atenção, também pode preencher um silêncio, levando o ouvinte a ter expectativa e interesse para o que será dito logo em seguida, deixando espaço para a imaginação fluir.

O trabalho com a respiração tem o objetivo de coordenar o ato de respirar com a emissão das palavras, visando evitar o cansaço vocal e levando ao uso apropriado de pausas que respeitem a intenção da narrativa. Como Gonçalves (2000) sugere, a pausa também é um meio importante de comunicação entre as pessoas, porque possibilita ênfase natural às partes do texto que se queira salientar, ou seja, uma frase pode ser falada de inúmeras formas, dependendo das pausas feitas, atribuindo-se diferentes significados de acordo com a intenção.

A articulação é outro aspecto da máxima importância no ato de narrar. A produção dos sons

da fala realizada com precisão e clareza resulta em inteligibilidade. O dizer as palavras de modo íntegro e preciso é um dos caminhos de garantia de compreensão do conteúdo da história. A fala clara deve soar de forma simples e natural (ibid.).

O trabalho com a projeção da voz no ambiente refere-se, fundamentalmente, ao reconhecimento da relação de influência estabelecida na contação entre a produção da voz e fala do contador, e o local onde ocorrerá a narração. O trabalho de colocação correta da voz no ambiente acarretará numa voz com corpo e brilho, gerando maior expressividade à comunicação do contador.

Como o colorido e a melodia na fala são extremamente importantes na contação, a modulação é um aspecto fundamental na preparação do contador, merecendo atenção especial do fonoaudiólogo.

A modulação se refere a variações na entonação da fala, concedendo à mesma sentido e vivacidade. A entonação estabelece diferentes curvas melódicas na fala a partir de variações na frequência e intensidade da voz, sendo bastante importante levar o contador a conhecer a sua própria voz e perceber as diversas maneiras como ela pode se apresentar.

Busatto (2003), ao definir ritmo, também o associa à modulação. Afirma que o ritmo também corresponde à musicalidade da narrativa, variando-se a velocidade da fala e a intensidade e frequência da voz, criando-se assim uma partitura, com a qual os contos são embalados por uma melodia.

As emoções e intenções que emanam dos contos podem ser expressas, e o contador analisa as variações possíveis de uso de sua voz e fala pelo recurso da modulação. É possível então a identificação de palavras-chave fundamentais ao contexto narrativo e a colocação de ênfase nas mesmas. O clima de uma passagem do conto ou as características de um personagem podem ser melhor introjetados pelos ouvintes se a voz do contador apresentar flexibilidade e nuances variadas.

Para finalizar, é necessário esclarecer que a preparação aqui proposta associa o desenvolvimento dos cinco elementos básicos descritos acima a vivências de contação de histórias. Propõe também estratégias que enfatizam os aspectos: reconhecimento e aprimoramento das características peculiares a cada narrador quanto ao seu próprio modo de narrar e quanto ao seu potencial de comunicação,

técnicas de estudo da estruturação da narrativa a ser contada e recursos para apresentação propriamente dita.

Assim, era uma vez... de boca em boca, de boca para ouvidos... a palavra, protagonista principal da arte de contar histórias. Revestida de recursos (modulação, articulação, pausas, projeção), bem acompanhada do gesto, do movimento corporal, do olhar e moldada à estrutura narrativa oral, melhor ainda pode continuar seu destino de desde sempre fazer imaginar e encantar e também poder contribuir de modo efetivo para a prática educativa.

Método

O presente trabalho se caracteriza por uma pesquisa em serviço, de caráter descritivo, e abordagem qualitativa, sendo desenvolvida em três etapas. Como a pesquisa parte da análise de duas experiências específicas de intervenção fonoaudiológica, não será possível captar todas as especificidades da contribuição da Fonoaudiologia para a formação de contadores-educadores, sendo um estudo inicial sobre o tema.

Tendo como objetivo geral avaliar e aprimorar a experiência de trabalho fonoaudiológico oferecido aos educadores-contadores de histórias, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

1. Avaliação da efetividade de dois programas de intervenção fonoaudiológica junto a contadores de história. Um deles realizado no Centro Luiz Freire, ONG voltada para trabalhos nas áreas de Educação, Justiça e Segurança e Comunicação, localizado em Olinda, PE. O outro, oferecido como atividade de estágio dos alunos do 8º período do curso de Fonoaudiologia da Faculdade Integrada do Recife – FIR. Segue em anexo (Anexo I) a estrutura básica de intervenção fonoaudiológica aplicada nos dois programas.

2. Reestruturação da proposta de intervenção fonoaudiológica a partir da avaliação realizada e do marco teórico.

3. Implantação da proposta reformulada de intervenção fonoaudiológica para educadores-contadores de histórias realizada na Faculdade Integrada do Recife – FIR.

A população do estudo foi constituída das educadoras-contadoras que aceitaram participar da pesquisa, não sendo considerados os demais participantes-contadores, já que o foco da pesquisa foi centralizado na relação contação e educação, per-

fazendo assim o total de dez sujeitos. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevista semi-estruturada (Anexo II). Vale ressaltar que o projeto de pesquisa submeteu-se à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da UPE e obteve aprovação (protocolo nº 230/03).

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. A análise foi realizada a partir da extração dos temas mais recorrentes das respostas das entrevistadas, etapa antecedida por intenso processo de releituras e sistematização dos dados. Em seguida, os temas foram agrupados em sete categorias e organizados em sete quadros: 1. motivos para utilização da contação de histórias na educação; 2. motivação para participação na formação; 3. opiniões de aprovação; 4. opiniões de desaprovação; 5. mudanças a partir da formação; 6. contribuições da formação para melhoria da prática como contadora; 7. sugestões para o novo programa. A partir dos resultados dessa primeira etapa, foram elaboradas a segunda e terceira etapas da pesquisa.

Resultados e discussão da primeira etapa

Quanto à primeira categoria referente aos motivos para utilização da contação de histórias na educação, os temas extraídos das respostas das participantes da pesquisa, em ordem decrescente de presença, foram: contribuição na aprendizagem da leitura, propiciação de lazer e ludicidade, contribuição no desenvolvimento da linguagem oral, estimulação da imaginação, resgate da tradição oral e da cultura, propiciação de encantamento, transmissão de conteúdos pedagógicos, desenvolvimento da escrita, interesse pela literatura, desenvolvimento da atenção da criança, desenvolvimento de criatividade, facilitação da interação da criança com o adulto.

As educadoras levantaram, como os autores aqui pesquisados (Busatto, 1999; Bettelheim, 1980; Gillig, 1999; Machado, 2004; Abramovith, 1991), as contribuições da contação para o desenvolvimento da criança nos aspectos: aprendizagem e interesse por leitura, desenvolvimento da linguagem oral, estimulação da imaginação e criatividade, transmissão de conhecimentos, entre outros, havendo concordância entre entrevistadas e autores de que a contação de histórias tem papel efetivo no processo educativo.

Fica evidenciado o destaque dado à utilização da contação de histórias como contribuição na aprendizagem de leitura e como alternativa de lazer e ludicidade. Outro aspecto também significativamente presente foi a contribuição para o desenvolvimento da linguagem oral.

Quanto à segunda categoria, a motivação das participantes se concentrou de modo mais significativo no propósito de capacitar para a prática educativa de modo genérico.

Essa motivação pode representar a explicitação de carências e necessidades. Apesar de a educação estar demonstrando interesse pela contação de histórias, a literatura específica ainda é escassa e, provavelmente, as oportunidades de formação sobre o ato de narrar também. Vale ressaltar que somente uma das entrevistadas explicita motivação diretamente relacionada ao foco principal do programa, a contação de histórias.

Na análise dos temas apresentados da terceira categoria, sobre aprovação do programa, observou-se que as respostas das participantes se concentraram em dois aspectos mais gerais: 1. temas relacionados aos aspectos relativos à aquisição de conhecimentos e habilidades; 2. temas relacionados aos aspectos relativos à estruturação e execução da formação propriamente dita. Foram vários os tópicos considerados positivos no programa.

Quanto ao primeiro aspecto, as entrevistadas aprovaram os seguintes aspectos: aquisição de conhecimentos de hábitos de saúde vocal; descoberta do potencial vocal; trabalho com integração corpo-voz; trabalho com projeção da voz, articulação e variação da intensidade; identificação da expressividade da fala; realização de aquecimento vocal; aprimoramento do ato de declamar; descoberta de capacidade para contação oral sem apoio dos livros; resgate dos contos tradicionais.

Quanto ao segundo aspecto, as entrevistadas se referiram aos temas: carga horária bem definida, bom repertório, equilíbrio na distribuição das atividades em relação aos aspectos a serem trabalhados, integração presente nas propostas, presença de atividades diversificadas, ausência de hierarquia facilitadores-participantes, troca de experiência de grupo, competência dos facilitadores, responsabilidade dos facilitadores, formação satisfazendo necessidades do contador.

Metade das entrevistadas apresentou ausência de desaprovação. As participantes detectaram

como pontos falhos: a ausência de fundamentação teórica na contação; dificuldade de acesso a xerox; repertório dos contos previamente estabelecidos; falta de diversificação do repertório e expectativa de tornar-se contadora não realizada. É importante esclarecer que, no conteúdo do programa entregue aos participantes no início da formação, não constava esse item, já que a proposta visa à formação prática e não teórica.

Comparados os resultados da terceira e quarta categorias, as educadoras apresentaram respostas com maior diversidade e quantidade no item aprovação do que de desaprovação, o que aponta para boa receptividade da formação proposta.

A quinta categoria se refere a mudanças ocorridas a partir da intervenção fonoaudiológica. As mudanças podem ter ocorrido pela oportunidade oferecida às participantes, ao longo da formação, de se observarem quanto à forma como contam e também de vivenciarem atividades de aperfeiçoamento da comunicação direcionadas especificamente para o ato de narrar.

As participantes notificaram a descoberta do potencial como contadoras orais. A prática do narrar na educação parece acontecer mais associada à leitura de livros. Machado (2004) menciona que ambas as situações do narrar (com ou sem apoio do livro) são experiências que ampliam as possibilidades de escuta e aprendizado para os educandos.

Outro fator significativo é o despertar para o potencial vocal revelando-se nos temas: importância da utilização dos recursos vocais, valorização da própria voz, voz como facilitadora da comunicação oral, utilização de variação de tipos de vozes na contação.

A importância da modulação e do ritmo também aparece a partir dos temas: despertar para modulação, aprimoramento da entonação, aprimoramento do uso de pausas. Os autores Busatto (2003), Abramovich (1991) e Machado (2004) são unânimes ao concordar sobre a importância das variações na voz para que as palavras se apresentem com musicalidade e colorido; além disso, enfatizam o uso do ritmo e das pausas de modo apropriado à intenção da contação.

Os temas aprimoramento da projeção, adequação da respiração e importância da saúde vocal para o educador e o aluno demonstram a possibilidade de o educador incorporar também aspectos que levam à harmonia e ao equilíbrio de fatores fisiológicos da produção vocal.

Os demais temas refletem contribuições do programa em aspectos não previstos diretamente na formação: desinibição para lidar com a platéia, melhora significativa da leitura, descoberta da importância de se preparar anteriormente para o ato de ler ou contar.

A análise da sexta categoria revela as efetivas contribuições do programa. Nos resultados obtidos, destaca-se a maior presença dos temas: conhecimento dos cuidados com saúde vocal e integração corpo-palavra-olhar.

Quanto à saúde vocal, pode-se refletir sobre a importância e a necessidade para a prática educativa do repasse de tais conhecimentos e orientações. Parece que o surgimento desse aspecto nessa categoria denota o interesse do educador de preservar seu instrumento principal de trabalho, a voz.

O tema integração corpo-palavra-olhar revela a contribuição que a fonoaudiologia pode oferecer no sentido de lidar com aspectos da comunicação não-verbal associados à comunicação verbal, os quais são extremamente importantes para o ato de narrar. A utilização da linguagem corporal, a relação entre ambiente, corpo e narração, e a importância da postura corporal durante a contação de histórias são aspectos levantados por Busatto (2003) ao discorrer sobre a criação e o uso de imagens corporais.

O trabalho com modulação, dicção (articulação) e projeção vocal, constantes dos aspectos básicos ao desenvolvimento da expressividade da voz e fala especificados no marco teórico desta pesquisa, também são apontados pelas participantes como contribuições para a melhoria da prática como contador.

As demais contribuições apontadas foram: segurança ao falar em público, integração entre utilização de recursos vocais e narração das histórias, técnicas para o ato de contar, descoberta do potencial como contadora-narradora oral, melhoria da interpretação, propiciação do interesse pela leitura de contos tradicionais. Esses temas demonstram que o programa trouxe contribuições também para a formação mais ampla do ato de narrar histórias, além de divulgar a tradição oral.

Entre as sugestões para um novo programa (sétima categoria) destaca-se a solicitação de aumento das vivências com contação e a diversificação do repertório com narrativas de estilos diversos. Esse último tema também apareceu na quarta categoria (desaprovação do programa).

É importante observar a presença dos temas referentes aos cuidados com saúde vocal e modulação (aumento de utilização de poesias e trabalho com modulação). Esse dado vem reforçar a importância desses aspectos em uma formação de contação para educadores porque as participantes sentiram a necessidade de rerepresentá-los como sugestão, apesar de esses tópicos fazerem parte do programa aplicado.

Conclui-se que a formação proposta trouxe mudanças e contribuições para a prática das educadoras ao narrarem histórias, demonstrando que há aplicabilidade e efetividade no conteúdo da formação.

As educadoras reconhecem como efetivo o papel da contação de histórias na educação, havendo com isso o interesse de melhor se capacitar nessa área.

Diante dos resultados obtidos na avaliação, observa-se que a Fonoaudiologia gerou efeitos construtivos em relação ao trabalho com integração entre corpo, palavra e olhar, saúde vocal e valorização da narrativa oral ao despertar a contação sem apoio de livros. Reafirmando-se, com isso, o papel do fonoaudiólogo no trabalho com o aprimoramento de comunicação verbal e não-verbal e da narrativa oral, além da sua função na ação preventiva aos problemas vocais. Sendo o contador-educador um profissional da voz, ele necessita de conhecimento sobre a saúde vocal, como também de recursos facilitadores e essenciais para a contação de histórias.

As sugestões apresentadas serão devidamente consideradas na aplicação de novas experiências de formação. Um dado relevante obtido na pesquisa foi a importância dada pelas educadoras ao trabalho com a modulação, fator confirmado pela literatura específica e também aspecto trabalhado com maior ênfase na proposta fonoaudiológica.

A partir da análise desta primeira etapa, surgem as segunda e terceira etapas, caracterizadas pela reestruturação da intervenção fonoaudiológica em contação de histórias.

Intervenção fonoaudiológica reestruturada – Segunda e terceira etapas

A intervenção fonoaudiológica foi aplicada a um novo grupo, constituído por 15 educadores que atuam com educação popular para crianças e adolescentes da periferia, pertencentes a programas de

educação da Prefeitura da cidade do Recife. Desenvolveu-se na clínica fonoaudiológica do curso de Fonoaudiologia da FIR-PE como atividade de extensão e pesquisa do curso.

Como as experiências de formação avaliadas na primeira etapa obtiveram aprovação no que concerne aos itens básicos constituintes, o novo programa manteve a estrutura básica da proposta (Anexo I). Porém, seguindo as sugestões levantadas na avaliação (primeira etapa), foi planejado um maior número de atividades para os aspectos: integração de corpo-palavra-olhar, modulação, vivências de contação com o privilégio da narrativa oral e com estilos diversos. O repertório de narrativas a serem vivenciadas não foi definido previamente, como o ocorrido nos programas desenvolvidos na primeira etapa da pesquisa, e, sim, extraídos e elencados a partir da história de vida e interesse de cada participante, tornando o ato de contar bem mais significativo. A aplicação da intervenção teve como facilitadoras a fonoaudióloga e professora responsável pela pesquisa e duas alunas do 8º período na ocasião do estudo, também participantes da pesquisa.

Como resultado do estudo realizado sobre o ato de contar histórias organizado no marco teórico da pesquisa, nessa proposta reformulada, novos elementos foram introduzidos, relativos ao preparo do narrador e às estratégias para narração. Foram consideradas, principalmente, as propostas sugeridas por Machado (2004), enfocando: 1. desenvolvimento das características do narrador relacionados ao modo de narrar; 2. estruturação da narração oral; 3. preparação da apresentação propriamente dita. No primeiro aspecto, o foco central é o de reforçar as habilidades pessoais que facilitam o ato de narrar e reelaborar as que possam impedi-lo. Quanto aos demais aspectos, foram vivenciadas atividades de orientação visando o estudo e o domínio da estrutura da narrativa e atividades de preparação para a apresentação concernentes a fala, voz e linguagem corporal, além do preparo da ambientação e utilização de recursos visuais adicionais à contação (segue, no Anexo III, a orientação entregue aos participantes).

O processo desenvolvido até aqui delineou a segunda etapa da pesquisa-reestruturação.

Na execução do novo programa, houve a necessidade de diferenciar a prática da contação de histórias da do teatro, como Busatto (2003) propõe, já que muitos dos participantes atuavam no



campo do teatro. Grande ênfase foi dada ao trabalho voltado para a integração corpo-palavra-olhar, o uso da linguagem corporal e, sobretudo, o trabalho com modulação, enfatizando a narrativa.

Com a realização do trabalho, ocorreram contribuições efetivas para os educadores, já que os mesmos, na avaliação final da experiência, identificaram as seguintes mudanças: descoberta e utilização da modulação de modo intencional, uso diversificado do potencial vocal e de fala, reconhecimento e domínio de recursos da comunicação não-verbal, maior segurança no ato de narrar alcançada a partir da preparação realizada anteriormente à apresentação da contação. Essas mudanças também foram identificadas e confirmadas pelas facilitadoras da formação. Os participantes sugeriram aumento de carga horária da proposta no formato de um segundo módulo de aprofundamento, em que as especificidades das diversas modalidades de narrativa oral seriam abordadas e vinculadas ao aprimoramento da expressividade da comunicação verbal e não-verbal.

Considerações finais

No mundo contemporâneo, guiado pelo fascínio dos aparatos tecnológicos e das mídias eletrônicas, o ato de narrar e, por conseqüência, a presença do contador vem se perdendo. Todavia, mudanças favoráveis ocorrem, e iniciativas, principalmente no contexto educacional, acontecem em prol da narrativa oral. É cada vez mais freqüente nas escolas o espaço aberto para a chamada “hora do conto”, com crescente receptividade positiva por parte das crianças e interesse dos professores pelo exercício da contação. Assim, o preparar-se para tal atividade é cada vez mais necessário na prática educativa.

Nesse contexto de valorização da oralidade, o fonoaudiólogo pode proporcionar aos educadores um trabalho inovador, além de ampliar sua ação como fonoaudiólogo escolar e profissional atuante em voz profissional.

Dessa forma, a pesquisa aqui realizada propiciou novos recursos de atuação do fonoaudiólogo junto aos educadores, incentivando o resgate da arte de contar histórias como uma das estratégias para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Além disso, também ampliou a atuação do fonoaudiólogo junto aos contadores de histórias em geral, numa perspectiva de valorização da tradição oral.

No mundo atual, quando o apelo do visual e da mecanização é cada vez mais predominante, em detrimento do binômio humanizado do dizer-ouvir, é fundamental o papel da Fonoaudiologia, privilegiando o uso da comunicação.

Sugere-se, para novas experiências de intervenção, a realização da formação em dois módulos, um módulo preparatório e outro de aprofundamento.

Como continuidade da pesquisa, sugere-se um estudo que promova um maior embasamento ao trabalho com modulação, no sentido de reestruturar a prática da expressividade voltada para a contação de histórias, levando a um enfoque mais sólido no que concerne à integração dos elementos de ação corporal, os recursos vocais e as peculiaridades da comunicação na narrativa oral.

Referências

- Abílio EC, Mattos M. Letramento e leitura da literatura. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação à Distância; 2003. Leitura da literatura: as narrativas da tradição; p.16-23.
- Abramovich F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.
- Andrada e Silva MA. Voz profissional: novas perspectivas de atuação. *Distúrb Comun* 1999;10(2):177-92.
- Benjamim W. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. 6.ed. São Paulo: Brasiliense; 1993. p.198.
- Bettelheim B. A psicanálise dos contos de fadas. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.
- Busatto C. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003.
- Ferreira LP, Oliveira IB, Quintero EA, Morato EM, organizadoras. Voz profissional: o profissional da voz. Carapicuíba, SP: Pró-Fono; 1995.
- Jorge LS. Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias. In: Nicolau MLM, Dias MCM, organizadores. Oficinas de sonhos e realidade na formação do educador da infância. Campinas, SP: Papirus; 2003. p.95-112.
- Gillig MJ. O conto na psicopedagogia. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1999.
- Gonçalves N. A importância do falar bem: a expressividade do corpo, da fala e da voz valorizando a comunicação verbal. São Paulo: Lovise; 2000.
- Kyriillos L, Cotes C, Feijó D. Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo; 2003.
- Machado R. Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL; 2004.

Recebido em fevereiro/06; **aprovado em** agosto/06.

Endereço para correspondência

Lúcia Elena F. Neto
Rua Luiz Barbalho, 120 apto 902, Boa Vista, Recife, PE
CEP 50070-120

E-mail: luciel07@yahoo.com.br



Anexo I

Estrutura da intervenção fonoaudiológica para contadores de histórias

A formação dos contadores é elaborada com a duração de 24 horas de trabalho em encontros semanais de 2 horas, com em média 20 participantes. A proposta tem como objetivos garantir a atenção do ouvinte através, principalmente, da palavra e transmitir as intenções e sentimentos da narrativa. O trabalho fonoaudiológico se desenvolve em três etapas:

- 1) Sondagem inicial com o reconhecimento da realidade e das expectativas do grupo;
- 2) Planejamento do trabalho considerando a especificidade do grupo;
- 3) Treinamento vocal orientado para contadores de histórias;
- 4) Vivências de contação de histórias através de acervo variado de histórias.

O treinamento vocal consta de cinco itens básicos, que são desenvolvidos durante todos os encontros: corpo e importância do olhar (postura corporal, união gesto-fisionomia-palavra e o olhar e a platéia); coordenação respiração-fala (resistência e controle de pausas); articulação (clareza e agilidade); modulação (entonação expressiva acoplando inflexão e significados da narrativa). É dada maior ênfase a esse último item, já que o colorido e a melodia na fala são fundamentais à atividade de contação. Além desses aspectos, são dadas orientações de saúde vocal e repassadas atividades de manutenção para aquecimento vocal.

Nas vivências de contação, os aspectos trabalhados no treinamento vocal devem ser aplicados. Além disso, também é enfatizada a organização da narrativa e são reforçadas as características pessoais de cada participante, para que possam se transformar em recursos facilitadores para o papel de narrador.

Anexo II

Entrevista – Roteiro básico

- 1) Com que objetivo utiliza a contação de histórias na sua prática educativa?
- 2) Por que quis participar do programa?
- 3) O que achou do programa? Levante pontos positivos e pontos negativos.
- 4) A partir da realização do programa, o que mudou na sua prática como contador de histórias?
- 5) Levante os aspectos do programa que mais contribuiriam para a melhoria da sua prática como contador.
- 6) O que pode sugerir para a elaboração de um novo programa de intervenção fonoaudiológica para contadores?



Anexo III

Passos para chegar à narração propriamente dita

I – Criar intimidade com a história

Ler várias vezes, de modo despretençioso, deixando-se levar pelos encantamentos da história. Descobrir a intenção básica de sua estrutura.

II – Estudo da estrutura da história

Não decorar e destacar: 1) personagens e suas características; 2) estrutura do enredo do conto (introdução, acontecimentos principais e secundários, clímax e desfecho); 3) diálogos; 4) ambientação.

III – Preparação da contação

III a – Considerar na fala/voz/linguagem corporal: 1) Gestos/deslocamentos/olhar/fisionomia; 2) pausas para ênfase; 3) palavras-chave; 4) Articulação: fala sobrearticulada; 5) modulação *versus* intenção: variar intensidade (forte/fraco), frequência (grave/agudo), velocidade (rápido/lento); 6) personagens e características de voz e fala.

III b – Apresentação propriamente dita: 1) posição diante da plateia e escolha do espaço apropriado; 2) ambientação para a contação; 3) uso de objetos ou detalhes na vestimenta; 4) criar estratégias para prender a atenção do ouvinte antes de iniciar a contação; 5) preparar o início e finalização da contação.

Sugestão: grave ou filme sua contação para analisá-la.

